

# À procura de novas legitimidades

HELENA CIDADE MOURA \*

A análise transversal dos interesses profissionais de nível superior, numa população experimental de jovens finalistas do secundário (1963-1987) e o estudo qualitativo do mesmo tema, alargado aos interesses médios e recusas profissionais, numa amostragem restrita, estão na origem da nossa colaboração numa investigação internacional, cujo relatório no prelo, sob o título *Rêves individuels et Aventure Collective. Les Jeunes dans les Phénomènes d'émergence de nouvelles légitimités culturelles, économiques, sociales et politiques* (Abril, 1991), reúne a colaboração de investigadores das Universidades de Perpignan, Marselha, Toulouse, do Fond National de Recherche Scientifique da Suíça, do Instituto de Urbanismo da Faculdade de Arquitectura de Caracas e do Instituto de Orientação Profissional da Universidade de Lisboa <sup>(1)</sup>.

Esses estudos anteriores levantaram questões fundamentais, tais como:

– Porque é que, depois da revolução do 25 de Abril de 1974, que pôs termo à guerra colonial, fez a descolonização, consolidou a liberdade e modi-

ficou, segundo 69,6% dos inquiridos «o estilo de vida das pessoas» e «a maneira de encarar o futuro», continuou a fazer-se sentir uma enorme pressão social, agora denunciada, a vários níveis, em quase todas as entrevistas?

– Porque é que os jovens finalistas do ensino secundário, que compunham a nossa população experimental, não ultrapassaram o medo do concreto e mantiveram a necessidade de construir auto-imagens compensatórias?

– Porque é que as suas aspirações e as suas representações sociais se processam de forma dissociada em relação ao projecto de vida?

## PERCURSO DA INVESTIGAÇÃO

A população de referência, estudada entre 1963 e 1987, revelou a persistência de escolhas profissionais, em desacordo com os valores sociais dominantes e com as estratégias do mundo do trabalho, apesar dos vários condicionalismos históricos verificados ao longo deste período de mais de vinte anos.

As entrevistas de orientação escolar primeiro, as histórias de vida depois, os resultados quantitativos dos vários inquéritos efectuados, (Moura, a, b, 1987) alimentaram a configuração dum cenário em que a emergência de novas legitimidades era dificultada por entraves persistentes à dinâmica social; como se os jovens, qualquer que fosse

\* Instituto de Orientação Profissional da Universidade de Lisboa.

(1) Esta investigação feita no âmbito do Instituto de Orientação Profissional da Universidade de Lisboa tem sido desde 1987, graças a subsídio da deslocação da Fundação Calouste Gulbenkian, acompanhada cientificamente pelo Prof. Paul Henri Chombart de Lauwe da EHESS de Paris.

o momento histórico, vivessem manietados pelas interacções sociais que, apesar dos seus desejos, das suas necessidades, das suas aspirações individuais e colectivas, não conseguiam alterar.

Em 1988, aceitamos o convite do Prof. Paul Henri Chombart de Lauwe para integrar o grupo que escolhera, como eixo de análise, *as relações de poder e a mudança social*, no contexto das *transformações sociais e dinâmica cultural*, tema geral de investigação da ARCI (Association de Recherche Coopérative Internationale), na convicção de que, definidos em grupo novos conceitos, chegássemos à construção de novas hipóteses que nos levassem a um aproximar da realidade e alargássem o horizonte da investigação. Os questionários, as entrevistas, as histórias de vida obtidas, permitiram ampliar a problemática. A questão global posta por esta investigação é a seguinte: será possível construir uma dinâmica cultural transformadora da realidade, sem que a nível individual se criem imagens-guias, suficientemente desejadas, capazes de organizarem o símbolo do futuro?

O relatório de investigação relativa aos jovens portugueses tem como título: *Rêves individuels, obstacles à l'aventure collective? Des jeunes en situation de post-rupture et l'émergence de nouvelles légitimités au Portugal*, e dele se transcreve aqui um capítulo.

A população experimental deste novo estudo (1988-1991) pertence ao mesmo universo da população de referência (1963-1987), isto é, jovens no final do curso secundário.

Os conceitos teóricos, definidos pelo grupo, facilitaram o avanço em terrenos de análise diversificados e permitiram-nos reflectir sobre a realidade, em horizonte alargado.

Foi pressuposto do grupo que a crise económica é em si uma crise cultural e que a civilização industrial, uniformizante, tende à exclusão dos grupos sem poder. Os jovens, grupo sem poder, procuram, à entrada na vida, encontrar formas alternativas de expressão.

Lê-se na introdução ao relatório de investigação: «Esta posição comum aos membros do grupo coloca os nossos trabalhos num ângulo original: para sair da implacável teoria da reprodução social, tão bem engendrada por Pierre Bourdieu, pode conceber-se a mudança social, não como um modelo (emergente dos grupos dominantes) de reprodução, para ser seguido pelos planos hierárquicos de cada

sociedade, mas como expressão inovadora (por vezes desordenada) de grupos à priori condenados a esta direcção (simplificação) sociológica».

«A emergência de culturas inovadoras, de contraculturas ou de culturas-outras atestam a necessidade de nos acercarmos da mudança — que teoricamente não saberá acomodar-se a um funcionamento linear — no seio dos grupos sem capacidade para o exercício do poder<sup>(2)</sup>. Estas culturas induzem, por definição, transformações sociais, ou poderão mesmo trazer uma (certa) mudança social. Tal mudança é o nosso objecto de estudo»<sup>(3)</sup>.

Deste posicionamento, face à análise da realidade, surgiram os conceitos de: *legitimidade*, que definimos como a expressão de desejos, necessidades, aspirações próprias de um grupo social; *sistema de legitimação*, isto é, conjunto das representações sociais manifestadas; e *estado de legitimação* que traduz o reconhecimento social e que poderá expressar-se através do poder legislativo do Estado.

Este processo de emergência de novas legitimidades aparece, nos jovens que constituem a nossa população experimental e no contexto que analisamos, muitas vezes distorcido ou interrompido. *Distorcido* porque, uma situação revolucionária trouxe ao estado de legitimação, avanços que a sociedade actual tem dificuldade em gerir, *interrompido* porque a emergência de novas legitimidades está bloqueada por uma estrutura sócio-política inadequada à transformação.

Escolhemos dois casos significativos das grandes linhas que orientam os jovens com os quais tivemos o grande prazer de trabalhar. Os comentários e a apresentação destas duas situações concretas são, julgamos, uma forma mais válida de comunicar a riqueza dos factos, embora o mundo em que mergulhamos, graças à criatividade e poder de comunicação dos nossos interlocutores, seja um potencial imenso onde a visualização de novas legi-

(2) Preparamos um projecto internacional «Sul-Sud» no âmbito da CIVITAS em colaboração com a ARCI que pretende estudar os marginalizados do desenvolvimento na Europa do Sul. O projecto que, no âmbito do IOP, realizamos, neste momento, tendo como população experimental os jovens 16-25 anos excluídos da escola, será integrado logo que possível nessa análise alargada da problemática da marginalização.

(3) Citamos trechos da Introdução colectiva ao relatório de investigação já mencionado.

timidades só será possível após profundas alterações do contexto social.

Escolhemos dois alunos, aos quais demos os nomes de Maria e João, porque, em muitos traços significativos coincidem com as características dominantes da nossa população experimental e porque expressam diferentes interações sociais e relações com o poder; diferentes imagens do presente e do futuro, que representam com fidelidade a nossa população experimental.

## APRESENTAÇÃO DE MARIA E DE JOÃO

Conhecemos Maria em 1988: era tímida, mas intervinha de forma correcta, profunda e empenhada no grupo de orientação e sensibilização para a profissão de que fazia parte, respondeu ao questionário, acção inicial da nossa investigação, e mostrou-se disponível para outros contactos.

Passado um ano, em consequência de um nosso telefonema, encontramos-nos num café perto do seu lugar de trabalho à hora da saída. Estávamos felizes por nos vermos de novo, e depois de trocarmos algumas palavras, a nosso pedido, Maria começou a contar, com voz calma e apaixonada a história da sua vida, para que «nos conhecessemos melhor» e para que pudessemos «conhecer melhor os jovens» objectivo que Maria julga muito importante e no qual deseja colaborar.

Maria contou:

«Nasci em Lisboa em 1967. Fui viver com os meus Pais para Angola quando tinha poucos meses de idade. Fiquei lá sete anos. Em 1974, quando da Independência, voltamos para Portugal. Lembro-me que vivi, em Luanda, numa casa grande. Tínhamos dois criados pretos: uma mulher que quis deixar o marido e os filhos para nos acompanhar e um rapaz novo que também quis vir conosco. Foi preciso que o meu Pai lhes arranjasse lá um emprego, para eles ficarem».

«Os pretos são mais doces e mais calmos do que os brancos. Frequentei o Jardim de Infância, mas só havia crianças brancas<sup>(4)</sup>. Os meus pais tinham a intenção de adoptar uma criança de cor,

(4) Esta observação de Maria está dentro do contexto da população experimental, que sempre se faz porta-voz dum desejo de igualdade.

mas com a Independência isso tornou-se impossível. O meu Pai levava-me todas as manhãs à Escola e tomávamos o pequeno almoço juntos na esplanada de um café. Lembro-me dos chupas-chupas grandes e muito bons, lembro-me das minhas bonecas e duma árvore enorme, muito bonita, que se estendia ao longo do pátio do recreio, subíamos para o seu tronco e imaginávamo-nos num avião».

Maria vai-se apoiando em pequenas referências concretas que a ajudem a superar uma certa destruturação social que faz parte do seu presente; constrói a imagem da sua primeira infância, em harmonia com o meio, «os pretos são mais calmos e doces»; rodeia-se da nostalgia dum paraíso perdido que ilumina a sua entrada na vida<sup>(5)</sup>.

A quase totalidade dos jovens observados (93,6%) dizem ter o «sentimento do colectivo», o futuro angustia-os e sentem a necessidade de reflectir sobre os problemas da juventude. Alguns, como João, projectam-se directamente no seu próprio discurso, outros como Maria utilizam um discurso mediático, mas todos consciencializam um mal-estar generalizado<sup>(6)</sup>.

Se fazemos apelo à imaginação e à capacidade de trabalho independentemente das possibilidades que lhe são oferecidas, as escolhas de vida dos jovens observados situam-se no terreno da interacção social e da mudança. Apenas 9,5% dos entrevistados escolhem, como primeira motivação de futuro, «ganhar dinheiro» e 13% querem «aprofundar o estudo». Maria, como 31% dos seus colegas, quer «transformar a vida e a sociedade». João recusa a ideia de «transformar a vida e a sociedade», gostaria sobretudo de «aprofundar os estudos para satisfazer a sua curiosidade», porque pensa que a própria valorização contribuirá para a valorização da sua acção social e, tal como 20% dos seus colegas, deseja dedicar-se a uma «grande causa».

(5) Uma forma de expressão longínqua e vaga, deixando como um eco para se adivinhar é uma constante em Maria e em muitos dos alunos observados.

(6) Em 1987, falamos em «mal-estar generalizado» e acrescentámos que esse mal-estar era vivido «num contexto de fatalidade existencial». Hoje, já não o dizemos, porque o movimento social emergente da criatividade social, embora não resulte numa dinâmica cultural transformadora, alimenta, apesar de tudo, o desejo e a esperança. O sentimento da Europa, apesar da angustia que provoca, abre de facto novos horizontes.

João tem uma forma de se expressar bastante mais concreta do que Maria. Eles construíram auto-imagens diferentes:

– Maria analisa, sofre, quer mudar, entrega-se inteira à percepção da realidade, e as relações com o quotidiano concreto são marcadas pela flexibilidade e pela complexidade; ela escolhe ser diferente e quer traçar o seu próprio caminho.

– João é pertença dum grupo, tem o sentimento, embora crítico, de pertencer a um determinado meio e irá aproveitar-se desse facto para vencer, por isso a sua relação com o quotidiano é factual e a ideia, para ele, abstracta de «transformar a sociedade», não lhe diz nada.

João nasceu em Lisboa em 1970, é mais novo três anos do que Maria. Como Maria e como 69,7% da nossa população experimental deseja «novos valores sociais e morais»; pensa que o sonho é «a segunda realidade e faz parte integrante da vida»; e ainda como Maria diz «amar o risco». Mas João, ao contrário de Maria, tem a intenção de educar os filhos nas mesmas normas sociais e segundo os mesmos valores morais em que foi educado <sup>(7)</sup>. A ideia da mudança, em Maria, é suficientemente forte para implicar nela a educação dos filhos.

Há na verdade tonalidades diferentes nas escolhas de um e de outro: João e Maria querem ambos a mudança de valores sociais e morais, mas Maria quer essa transformação porque gostaria que «os jovens fossem considerados como indivíduos, cuja personalidade fosse individualizada» e João pensa que: «os valores sociais têm tendência a uniformizar-se e que era preciso retroceder um pouco nesse domínio». A palavra retroceder é sempre de compreensão difícil num contexto de mudança; o discurso de João ora é ambivalente e complexo, ora assume a rigidez e a simplificação de porta-voz do grupo.

Conheci João no liceu: respondeu ao nosso questionário de investigação e mostrou-se disponível para nova entrevista.

Contactado passado um ano (1989), marcou-nos, como Maria, encontro num café. Mas as circunstâncias que envolveram os dois convites eram diferentes: Maria convidou-nos para um café junto do seu trabalho, onde ela era uma cidadã

(7) Apenas 41,5% da nossa população experimental escolhe a mudança de normas e valores na educação dos filhos, enquanto 92,7% desejam: «novos valores sociais e morais».

anónima e foi, de facto, um encontro entre duas pessoas. Quanto a João: era da mesa onde estávamos sentados, que ele apercebia e comandava o seu mundo. João era o centro de todos os olhares discretos e da atenção respeitosa dos empregados do café. O ambiente era de grande serenidade e mesmo de alguma solenidade, apesar de tudo ter um ar quotidiano. João, que repete cadeiras para melhorar a classificação para entrar na Universidade, já não frequenta o liceu e estuda e reúne-se habitualmente naquele café, estava na verdade em sua casa e quis ter a amabilidade de nos fazer partilhar do seu mundo.

Quando da nossa primeira entrevista no liceu, tínhamos já notado ter João um forte sentimento de grupo. Este sentimento, vimos depois, é englobante e leva-o a exprimir-se sempre, assumindo a sua representatividade. Quando lhe perguntamos o que mais lhe interessava no seu trabalho, como 38,3% da nossa população experimental, João escolhe «o prazer dum trabalho socialmente útil» mas para logo acrescentar como condição decorrente: «ter colegas que sejam verdadeiros companheiros» João constrói todas as frases e formula todas as opiniões com o *equilíbrio* e a *responsabilidade* dum líder, e a história da sua vida é sobretudo a história dos grupos de que fez ou faz parte.

## RAÍZES DE JOÃO E MARIA

Os pais de João têm uma vida profissional muito cheia e tanto ele como os irmãos dividiram a infância entre a casa paterna e a casa dos avós.

Tudo se passou bem, segundo João: os Pais iam à noite buscá-los para regressarem a casa; a avó protegia naturalmente as meninas, mas o avô dedicava-lhe alguma atenção. A sua lembrança mais profunda está ligada à perda de um brinquedo que ele habitualmente lançava da janela para ver cair e que o Pai acabou por esconder: «Não fosse tanta mudança de casa, de bairro em bairro, ainda tinha o brinquedo!» queixa-se João.

Era o repouso do guerreiro. Apesar da imagem de líder que João se esforça por construir, não escapa à força de representação do paraíso perdido que acompanha a evocação da infância. Também ele precisa da imagem da infância para gerir a solidão e ajudar à reestruturação da sua memória

urbana, violenta e nua: «Ninguém escolhe viver rodeado de blocos de cimento» diz, a certa altura, olhando à volta um bairro moderno, sóbrio, frio, sem uma árvore, uma flor, nem mesmo um vaso florido.

Era, no entanto, o cenário adequado ao líder dum bairro de jovens que, tendo perdido as suas referências individuais, procuram, na amizade e na convivência, forças para fazer face ao deserto que os rodeia.

João não quis, durante a entrevista, embelezar os factos: «Os meus pais são médicos — disse ele — tinham o seu grupo, os seus colegas da Universidade que tinham também filhos, brincávamos todos juntos; no Jardim de Infância a disciplina deveria ser muito rígida porque eu não gostava de ir à escola; mas depois na primária tive a sorte de encontrar uma professora que era um espectáculo: deixava-nos brincar, mas sempre *sob controlo*; havia *respeito* na escola e *disciplina*. Formámos um grupo eu e os meus colegas durante oito anos» (8).

Maria tem raízes na casa familiar de província; a Mãe pertencia «a uma família severa e muito conservadora que habitava uma grande casa, tinha muitos irmãos e criados, vivia num meio fechado». Quando voltaram de África o Pai ficou desempregado e foram para casa da avó materna, o avó já tinha falecido, mas a avó «era uma mulher doce, tolerante, fazia-se respeitar sem ser autoritária» (8). A vida em casa era agradável graças à presença tutelar da Avó. Maria frequentou a escola local e às tardes brincava com um primo que habitava a mesma casa. «Eu era feliz mas um amigo do meu Pai voltou de África e propôs-lhe trabalharem juntos. Recomeçamos a vida, a três».

## A ESCOLA, JOÃO E MARIA

Embora João oponha a Escola à representação que faz da liberdade, da alegria, da convivência, as suas severas críticas incluem a «falta de respeito», a «disciplina», a «ausência de autoridade», conceitos altamente valorizados na nossa população experimental (8).

(8) O sentimento contra o «autoritarismo» e o elogio da «disciplina» e do «respeito» que vemos em João e em Maria estendem-se à totalidade da nossa população experimental e é usado sobretudo como contra-ponto às relações de poder na sociedade e na escola.

João saúda a sua entrada no liceu: «Era uma boa escola com excelentes laboratórios, tive sorte porque muitos colegas não tiveram esse privilégio. Os professores eram simpáticos; o porteiro, esse tinha uma missão mais ingrata, já nessa altura começavam a pôr-se problemas de droga e de violência».

A Maria falta-lhe este sentimento de grupo, passa muito depressa sobre o seu curso do liceu, que é constituído apenas por tarefas que teve de cumprir e das quais não guarda imagens: «Segui o curso do liceu em Lisboa e agora estou no curso de Secretariado. Sempre tive êxito nos estudos, mas desde os 16 anos que sou estudante-trabalhadora. Trabalho porque tenho necessidade de ser independente». Maria organiza o seu tempo de maneira a não se apressar, gosta de estudar com serenidade e trabalhar conscientemente, por isso deixou a Escola e só se apresenta aos exames.

Esta solução de Maria, que inclui a separação dos colegas de curso, era impensável para João para o qual a escola: «É uma hidra de várias cabeças, cada uma pior do que a outra: o vandalismo, os grupos fechados, a difícil maturação sexual; há tabus por toda a parte, há dificuldade de afirmação intelectual (9); mas é na escola que encontramos a possibilidade de escolher os amigos e aprendemos a tomar posições colectivas».

Apesar destas diferentes vivências da Escola, João e Maria têm juízos semelhantes sobre as relações de poder na interacção professor-aluno.

«É sempre a mesma coisa», diz Maria. «Nada mudou. Se fazemos perguntas os professores olham-nos desconfiados e não gostam da nossa curiosidade (10). Se os Pais vão à Escola tentar resolver problemas dos filhos, é sempre o aluno que sofre as consequências, sobretudo nas classificações, no final do ano».

Tomando um tema frequentemente abordado nas entrevistas pela nossa população experimental, perguntamos: «Pensa que apesar da Liberdade ser um valor dominante, há sanções sociais injustas?».

(9) Esta «raiva» contra a Escola provém, a nosso ver e segundo os dados que temos, dum sentimento de frustração, porque é pedido à Escola um passaporte para a vida que ela não dá.

(10) Os alunos mais criativos têm muitas vezes reacções semelhantes mas habitualmente acrescentam que «há professores diferentes». Estes são raros e incorporam-nos no número das vítimas da escola, porque dizem: «também eles não se podem realizar», «também eles são vítimas do sistema».



Maria responde fazendo de imediato o diagnóstico: «Sim. Penso que Salazar morreu há pouco tempo».

«As relações de poder», afirmou-nos João, «só aparentemente são hoje diferentes, os professores são, de facto, capazes de dialogar se gostam das perguntas que lhe fazemos, mas se o aluno tem o espírito rebelde ou reivindicativo dos seus direitos, o professor vira-se contra ele e desaparecem todas as hipóteses de dialogo, porque só o professor tem a chave da classificação final».

## A FAMÍLIA, MARIA E JOÃO

Maria e João falaram ambos de uma forma muito liberta e interessada sobre os seus Pais. Apesar da diferença de estilos, ambos projectam, nos Pais, as próprias reflexões e representações, é por vezes muito nítida a sobreposição de imagens; este facto faz-nos pensar no largo espaço ocupado pela geração dos Pais e no esforço feito pelos jovens, através da crítica, às vezes contundente, de auto-imagens compensatórias, e mesmo da violência contra eles próprios, para se desligarem da geração precedente e para criarem o seu próprio sistema de valores.

Começámos pelo diálogo com Maria, porque sendo exaustivo, abre as portas, para que possamos compreender o de João.

«Havia um mau clima entre a minha Mãe e o meu Pai. Minha Mãe é um pouco infantil e superficial, os meus Pais eram de nível social muito diferente». Maria já nos tinha descrito o meio social fechado em que a Mãe viveu e tingiu mesmo a descrição com pinceladas românticas.

«Mas o meu Pai», diz Maria, «tinha uma experiência de vida totalmente diferente, trabalhou desde os 15 anos. Teve de construir a sua independência porque a família era muito pobre; tornou-se por isso mais objectivo e mais racional<sup>(11)</sup>; era mais duro do que a minha Mãe e estava vivamente marcado pelo meio de origem<sup>(12)</sup>. A Mãe era

educadora de infância e deixou o trabalho quando Maria nasceu. «A minha Mãe não retomou o trabalho, contenta-se em dizer que perdeu o emprego por minha causa. Eu penso que não é essa a razão, ela teve simplesmente *medo de não ser capaz*».

*Este medo de não ser capaz* esteve presente em todas as entrevistas. De resto Maria fica um pouco sonhadora depois desta afirmação, como que ouvindo o seu eco. Numa sociedade tecnocrática, o sucesso profissional torna-se um valor social dominante, valor que a nossa população experimental escolhe numa percentagem de 41,5%, mas que cruza com outras variáveis onde o empenhamento social é privilegiado em relação ao *estatuto social conferido pelo trabalho* ou ao *desejo de ganhar dinheiro*<sup>(13)</sup>.

«Penso que os meus Pais» — continua Maria — «fizeram tantos sacrifícios ao tentarem adaptar-se um ao outro que se destruíram. Tinham valores muito diferentes e na geração deles os valores sociais eram muito importantes na vida das pessoas. A vida estava muito condicionada e as filhas ainda eram educadas com o objectivo de casar».

«A minha Mãe deixou o seu meio para se casar e ir com o meu Pai para a África. O meu Pai era alto, bonito, tinha os olhos negros, ela deve ter pensado que ele era um príncipe encantado. Por outro lado como não queria estudar, nem se dedicava às coisas domésticas, era a ovelha tresmalhada da família e tinha fortes lutas com o meu Avô. A minha Mãe contou primeiro com o meu Pai para lhe resolver todos os problemas, e depois entendeu que o meu Pai devia estar-lhe grato por ela ter deixado a terra onde vivia, a família e os amigos para o acompanhar. Eu penso que ela desejava sobretudo que o meu Pai lhe reconhecesse qualidades que o Pai dela nunca lhe reconheceu».

Maria refere a história da Mãe com enormes certezas e um grande à vontade de julgamento, como se fosse a sua própria história. Maria usa este processo de esconder a sua verdade através de reflexões e representações que atribui a outros<sup>(14)</sup>.

(11) Fica claro, na entrevista, que o Pai é o modelo de Maria, grande percentagem dos alunos entrevistados valorizam igualmente a força dos que souberam afirmar-se, como se referissem neste elogio uma aspiração pessoal.

(12) Quase todos os alunos manifestam o desejo de viverem numa sociedade mais justa e flexível, onde as diferenças sejam respeitadas.

(13) Prazer de ter um trabalho socialmente útil ... 38,3%  
Estatuto social adquirido pelo trabalho ..... 7,8%  
Desejo de ganhar dinheiro ..... 12,6%

(14) Na primeira parte do nosso trabalho, terminada em 1987, estivemos atentos e esta forma não directa de assumir o real e construímos mesmo a hipótese da existência duma cultura-outra, de valores-outros, de um projecto de vida-outro, potencialmente à espera dum sistema de valores coerente. O trabalho agora

Pusemos-lhe directamente a pergunta: «Os seus Pais ocupam um largo espaço na sua história de vida, porquê?»

«Tem razão» — respondeu Maria — «apesar de eu ter uma vida independente, vivo com a minha Mãe e gosto do meu Pai. Tenho a impressão de ser mais adulta do que a minha Mãe, mas penso que o meu Pai é mais adulto do que eu».

Maria não tem, na verdade, uma vida independente, ganha apenas 30.000 escudos (1987), soma insignificante mesmo face apenas a despesas essenciais de habitação, alimentação, vestuário, estudo e transportes. É talvez a vaga sensação do seu próprio irrealismo que a leva a afirmar frequentes vezes a admiração pelo aspecto *racional* da personalidade do Pai.

Fizemos igual pergunta a João: «E os seus Pais, que imagem tem deles?»

João precisa: «Estão sempre apressados e sempre demasiado vigilantes. Fazem parte do mesmo grupo profissional por isso convivem com os companheiros de trabalho». João mostra, sempre que pode, a sua admiração pelos grupos. «Gostam da sua profissão» — continua João, «mas dizem-me sempre para não seguir a profissão deles e lutaram para impedir que o fizesse. Têm muitos problemas profissionais».

João tenta fazer uma síntese dos problemas numa forma globalizante, tomando posição sobre o assunto: «Penso que as pessoas não estão de acordo com a estrutura da hierarquia em Portugal».

Faz uma pausa e nós tentamos ajudar a aprofundar o seu pensamento: «O João pensa que as relações de poder não melhoraram em Portugal?» perguntamos.

— «Sim» — respondeu o João com firmeza e de imediato — «Penso que as coisas são torcidas e que se limita a intervenção das pessoas<sup>(15)</sup>. Os meus Pais são muito novos e estão já no topo da carreira. Não querem fazer doutoramento<sup>(16)</sup> e não têm forma de intervir na sua própria profissão».

---

realizado deu mais um passo no sentido de entendermos que: os jovens apontam para novas legitimidades, mais universais e acentuam o desejo agora, claramente expresso, do direito à diferença.

(15) A crítica à falta de condições para a pessoa intervir é uma constante em todos os alunos inquiridos.

(16) O *doutoramento* aparece como mais um adorno como alternativa a: *participar na profissão*.

João sente-se acabrunhado pelo *insucesso* dos seus Pais, embora pessoalmente os considere *vencedores*, mas grupos, instituições e suas inter-acções são para ele realidades vivas.

## NOVAS LEGITIMIDADES. MARIA E JOÃO

Perguntámos a Maria como é que a geração dela punha o problema do casamento e ela explicou: «a minha geração é mais realista e informada do que a geração dos meus Pais. Há a televisão: o tele-jornal, os debates sobre a SIDA, sobre o desarmamento, os perigos nucleares; um miúdo de doze anos já tem um conjunto de informações impressionantes! Todos estes conhecimentos afastam-nos da contemplação de nós próprios, quando o problema do casamento se põe já sabemos de que é que se trata».

Maria tem um discurso bastante alargado e indirecto sobre a preparação para o casamento na sua geração, referindo sobretudo a aquisição de conhecimentos gerais. Sempre presa ao anseio do racional, a sua grande preocupação é adquirir um estatuto de liberdade, de objectividade face às coisas, mas recorre a mais das vezes a uma imagem afectiva com que domina a realidade, afastando a um tempo o real e o concreto.

Este desajuste entre o que se é e o que se deseja ser, não atinge o nível cognitivo e dificilmente cria a emergência numa transformação mesmo a nível individual; a maior parte das vezes o desajuste é apenas razão de frustração<sup>(17)</sup>.

Mas facto ainda importante no discurso de Maria são «estes fabulosos miúdos de doze anos que sabem tudo».

Na nossa população experimental, é frequente a valorização da geração seguinte, porque se crê que é ela que vai beneficiar do futuro. É frequente a imagem da actual geração esmagada entre aquela que desencadeou o processo de mudança (a geração dos Pais) e aquela que vai ser capaz de realizar os novos valores e deles tirar benefício.

João, referindo a sua geração, emprega mesmo os termos: *geração sacrificada*; ele gosta das gran-

---

(17) Por isso se entende que uma dinâmica social que, integrando a sensibilidade e a imaginação do jovem, o ligue a um concreto crítico e não simplificado da realidade é, não só condição para uma afirmação social, como fundamental para a realização do indivíduo.

des sínteses e atrás delas se esconde. Antes de reflectir sobre si próprio tenta compreender o mundo. Não sabe ainda se o faz para o dominar, ou para o transformar; hesita, mas, neste momento, parece mais inclinado a tomar o caminho do quotidiano, procurando nele sobreviver, de forma crítica.

Perguntamos-lhe: «O que pensa fazer no futuro?» João está a preparar-se para entrar na Universidade e explica: «Tenho a grande aspiração de pertencer a um grupo de investigadores, penso que deve ser fabuloso ter a possibilidade de trabalhar em grupo<sup>(18)</sup>, descobrir novos conhecimentos, como se fosse uma nova arte de pensar. Gosto da vida, queria ter conhecimentos e informações para influenciar a maneira de viver».

João recusou a ideia de «transformar a vida e a sociedade» como objectivo da sua actividade, respondeu mesmo: «Não sei o que isso quer dizer». Procuramos assim saber o que para o João quer dizer: «influenciar a maneira de viver», pondo-lhe a seguinte pergunta: «Pensa poder modificar o comportamento das pessoas?». João sempre sério e monocórdico tem uma vibração na voz e responde:

«É difícil influenciar as pessoas no que respeita à transformação de hábitos e mentalidades; o nosso País é muito conservador. Há muita gente que fixa os seus valores para sempre e condicionam a vida dos outros porque têm sempre Poder<sup>(19)</sup>. O diálogo é difícil, o meio social opõe-se muitas vezes à expressão da liberdade. A comunidade não tem o hábito de reagir; as pessoas não são capazes de se impor como parte da Sociedade». João para melhor vincar a pressão social que limita, diz: «mesmo a liberdade de expressão é difícil»<sup>(20)</sup>.

Pusemos em seguida a pergunta: «No questionário fez um diagnóstico negativo dos valores sociais e morais da geração de seus Pais. Mantém esse diagnóstico?»

---

(18) 35% da nossa população experimental gostaria de fazer *investigação em grupo* e, 85% *prefere trabalhar em grupo*.

(19) A *pressão social* que foi hipótese do nosso primeiro estudo é permanentemente denunciada nas entrevistas que realizamos e muitas vezes acompanhada do diagnóstico de imobilismo e conservadorismo. Não será por outra razão que 93,7% da nossa população experimental desejaria ver aceites novos valores sociais e morais e 91,8% encontrar novas formas de viver.

(20) A persistência com que aparece a denúncia de falta de liberdade, corresponde ao desejo de alterar normas e valores. Este desejo tão frequente visualiza a emergência de novas legitimidades.

João é afirmativo: «Penso que os nossos valores se opõem aos dos nossos Pais. Um exemplo: para os jovens o valor mais importante é estarmos juntos porque é indispensável conversar, trocar ideias, discutir quando é preciso. As vezes estamos juntos até as 6, 7 horas da manhã. Os nossos pais vivem completamente ausentes do nosso mundo e mesmo quando não fazem comentários, ficam zangados, porque não entendem as nossas necessidades. São incapazes de imaginar que os temas das nossas reuniões são os grandes problemas com que nos enfrentámos: nós temos consciência dos direitos e dos deveres do indivíduo, achamos a sociedade muito competitiva<sup>(21)</sup> porque há muita gente e poucos lugares; pensamos que em todo o lado há discriminação social<sup>(21)</sup> que começa no estatuto de cada indivíduo e vai até às grandes assimetrias regionais do País; discutir e tomar consciência dos problemas não é para nós gastar tempo, é o próprio ar que respiramos».

João não colocou verdadeiramente o problema dos valores da geração dos Pais, por isso tentamos aprofundar a sua representação do Presente. No momento da entrevista, os jornais traziam notícias em destaque dos acontecimentos no Leste europeu e a televisão fazia magníficas reportagens sobre as movimentações sociais nesses países, perguntamos o que pensava dessas transformações, apesar da actualidade do tema e do clima de emoção que se vivia, João não se precipitou, gosta de reflectir e exprime as suas opiniões sempre no tom sério de quem tem as grandes responsabilidades dum líder: «É muito possível» diz ele «que isto dê para o torto, o ritmo é demasiado rápido, e esses países não conhecem os defeitos do capitalismo». Resposta para nós um tanto decepcionante, num jovem de 18 anos; tentamos quebrar um certo bloqueio gerado na nossa conversa, dizendo: «Em todo o caso a Liberdade é sempre Liberdade e traz sempre com ela a festa» João responde ainda mais segura e calmamente: «Tem razão, foi possível ao Povo dizer *não* de forma pacífica e generalizada, difícil é saber o que se pode fazer depois».

Tínhamos já nesse momento a certeza de que João e o seu grupo aprofundavam os problemas, por isso lhe perguntamos: «Apesar de nunca terem

---

(21) A competitividade e a discriminação social são denunciadas, mesmo até no âmbito da Escola; sobretudo na relação professor-aluno.



vivido em ditadura, o João e o seu grupo já reflectiram sobre o processo de democratização dos últimos anos, em Portugal?»

João conhecia os problemas de África, da descolonização e da guerra e fez uma das suas sínteses: «Os valores da Liberdade, o 25 de Abril, é tudo bom e bonito mas o difícil é organizar a desorganização. A generalização do ensino, por exemplo, empobreceu a Escola. Também importamos demasiados arquétipos estrangeiros, até mesmo os prédios!» Olha em volta dele, dizendo a frase já por nós citada: «Não há homem no mundo que escolha viver rodeado de cimento».

Apesar de uma certa ambiguidade e demasiada contensão, o discurso do João<sup>(22)</sup> está cheio de sentido do colectivo, de reflexão conjunta e põe o problema da destruturação social e da incoerência do sistema de valores que não permitem avançar. Tentamos ir um pouco mais longe e perguntamos: «— João, a sua geração está consciente dos problemas que enfrenta, tanto você como o seu grupo estão empenhados em examinar a realidade com profundidade, como pensa que vai ser o vosso futuro, há sempre nas suas palavras um tom pessimista?»

Sem hesitar João faz o resumo da história da sua geração, numa das suas tão procuradas sínteses: «Sabemos que a nossa geração vai ser sacrificada quando formos integrados num mercado de trabalho especializado<sup>(23)</sup> seremos marginalizados. Há desníveis impossíveis de superar, por exemplo, o nível de recursos das universidades portuguesas, comparadas com as estrangeiras. Portugal está muito mal apetrechado para poder fazer face aos outros países da CEE. Portugal é um País velho e anquilosado. Mesmo quanto a comportamentos, há uma diferença essencial na forma como se acompanha o progresso. Para nós o progresso não é muito importante. Não poderemos ser mais do que quadros médios».

---

(22) João exprime apenas as ideias do grupo, ou utiliza já um comportamento reservado às elites? João é solidário com o seu grupo e constrói uma auto-imagem de líder, tudo isto numa grande solidão intelectual, que a Escola não quebrou, apesar do companheirismo que nela encontrou.

(23) Os alunos que constituem a população experimental do presente estudo, ao contrário daqueles que observamos em 85/86, estão muito interessados na CEE, Mercado Único e União Europeia, mas mesmo quando dizem confiar no futuro, expressam mais dúvidas do que certezas.

Pergunta: — «O João é muito pessimista, o seu grupo pensa como você?»

Resposta: — «Nós não participamos do optimismo do governo. De resto o governo, levado pela necessidade de tomar decisões, estabeleceu a anarquia. Para conseguir alguma coisa vai ser preciso triplicar o esforço e o trabalho. Sou muito conservador a esse respeito: Portugal é um País, não é um estado da Europa, só porque faz parte do continente europeu».

— «Então não acredita na Europa Unida?»

— «Creio que a Europa Unida tenderá a uniformizar as unidades sócio-culturais: pode ser útil para fazer face aos Estados Unidos ou à ameaça “amarela”, mas do ponto de vista social e cultural será uma desgraça».

Muita da inovação a que João e Maria aspiram provém da reposição de valores tradicionais, perdidos na «burocratice», na «tecnocratice», na competitividade que ambos rejeitam embora com estratégias diferentes, determinadas por diferentes imagens-guia.

João continuará certamente a reflectir com o seu grupo, mas o problema imediato que vai ter de resolver, logo que abandone o seu ponto de observação, a mesa do café, e se esbata a imagem viva do grupo que o sustenta, vai ser a entrada na Universidade, porque a sua vida, ao contrário da de Maria, está orientada num sentido institucional.

Que possibilidades terá ele de dominar o seu processo de integração e de escolher entre tantos constrangimentos, aqueles que irá aceitar? Que contribuição vai dar à emergência duma dinâmica cultural, fruto de desajustes vividos individual e colectivamente, tidos como inultrapassáveis, mas apesar de tudo acompanhados da viva consciência duma mudança que se impõe? Que novas legitimidades procura, João, na verdade?

São interrogações que o discurso de João nos suscita mas dado o peso institucional que atribui ao percurso feito até aqui, somos levados a pensar que será grande a tentação de ajustar as suas aspirações sociais aos valores dominantes.

Maria disse-nos em entrevista que tinha confiança nela, que a sua vida dependia em absoluto da sua personalidade, que gostaria de ter êxito profissional, que o dinheiro e o estatuto social não eram factores importantes que determinassem o seu trabalho e que existiam condições sociais que lhe permitiam realizar-se individual e profissio-

nalmente. Disse-nos ainda que está pronta a mudar tudo: normas e valores sociais, ambiente familiar e maneira de viver; que queria ser psicóloga para ajudar os drogados, os prisioneiros e todo o tipo de delinquentes. Quer uma «sociedade anarquista», onde cada um possa fazer o que deseja e valoriza, nas transformações que tiveram lugar na sociedade portuguesa nos últimos anos, uma maior «capacidade de afirmação individual».

Pedimos a Maria que concretizasse o que pensava sobre a *mudança de mentalidades* e sobre a *competitividade* na sua geração.

«Não sinto», diz Maria «os efeitos da competitividade social. Não gosto de me mostrar superior aos outros. Trabalho o melhor que posso e já tenho um *trabalho efectivo* porque gosto de trabalhar e consagro-me ao meu trabalho». «Procuro não me deixar arrastar; os jovens não têm tempo de crescer e de serem livres; o ritmo da vida é demasiado rápido e estamos muito sozinhos».

Segundo os dados colhidos nas entrevistas e segundo a minha experiência de contactos pessoais a nível de orientação escolar, a sensação de demasiada rapidez ou de solidão resultam duma necessidade de relação entre os jovens, do prazer de encontrar, em conjunto, coisas belas, do desejo de partilhar e proteger o mundo e a vida que amam, e de fruir do tempo e do espaço. Não se trata duma posição conservadora; os jovens têm com efeito um ritmo diferente de vida <sup>(24)</sup> e além disso estão a preparar-se para um novo humanismo, em que o indivíduo retoma o seu lugar no centro do sistema, muito longe do taylorismo ou do desenvolvimento infinito.

Ao longo desta investigação e ao longo também da nossa experiência profissional, nas variadas situações históricas, o problema do *direito à diferença* aparece constantemente. Direito formalmente definido há poucos anos, mas universalmente sentido, porque, se este direito se coloca ao nível do indivíduo, e passa sobretudo por uma concepção da liberdade, coloca-se também a nível dos Povos, obrigando à salvaguarda da sua identidade e aos conceitos de pluralismo e de riqueza culturais. Muitos jovens da nossa população experimen-

(24) A Escola, na sua organização, não tem em conta: o ritmo mais lento dos jovens, a sua necessidade de inter-relações, a ânsia dum lugar amplo para o desenvolvimento da *diferença*, a que cada um sente ter direito, e espaço para a mudança.

tal falam sentidamente do direito à diferença; colocam-mo muitas vezes de maneira não estruturada mas sempre ligado à consciência da diversidade, ao desejo de liberdade do diálogo, contra a pressão social.

Na definição da juventude, Maria encontra uma expressão criadora: «Deixei as bonecas quando tinha 13 anos e não encontrei nada que as pudesse substituir, até começar a trabalhar <sup>(25)</sup>. À família cabia este papel de preencher os nossos tempos livres e de nos ajudar a crescer, hoje é preciso que encontremos outras pessoas para preencher este vazio, em consequência, se a família por acaso precisa de nós, o tempo que nós lhe devemos não existe» <sup>(26)</sup>.

Os pensamentos de Maria, bem amadurecidos, não emergem dum desejo de voltar ao passado, mas do desejo de encontrar algures uma varinha mágica que possa fazer surgir uma maneira-outra de viver a vida, de encontrar novas legitimidades. Quer uma forma de ligação ao mundo que sonhou na infância, que abra as portas dum futuro diferente. Maria é corajosa, está mesmo disponível para educar os filhos com liberdade e dar-lhes a possibilidade de serem diferentes, se assim o entenderem.

Colocamos ainda uma outra questão: «A Maria pensa que o estatuto social com o qual seu Pai entrou na vida lhe condicionou o futuro?»

Maria respondeu com rigor e convicção: «Não penso que o que condicionou a vida do meu Pai tenha sido o seu estatuto social, mas antes normas rígidas que sempre se impôs. O meu Pai é intermediário, tem uma profissão que abre as portas para o enriquecimento rápido, e recusou conscientemente o caminho da corrupção, embora seja hoje um caminho normal <sup>(27)</sup>. A corrupção vai ainda

(25) Este vazio, impressionantemente evocado, constitui talvez a maior acusação feita à Escola que até hoje registamos. Maria não tem sequer consciência disso e refere apenas a família, da qual está afectivamente demasiado dependente.

(26) Na nossa população experimental as relações com a família são positivas porque ela assegura a mudança sem ruptura e porque é um refúgio no caminho incerto do futuro. Pedimos para classificar a *compreensão dos Pais*, numa escala de 1 a 10. Na média: o Pai obteve a nota de 7,2 e a Mãe 7,9. A quase totalidade (95%) dos alunos entrevistados considera positiva a influência da família e entende que ela faz ou fez tudo o que pode para os ajudar.

(27) A corrupção é, na nossa população experimental, o grande monstro que aparece na sociedade, e impõe que se ceda ou se resista. A política é muitas vezes rejeitada porque é considerada «o braço institucional da corrupção».

generalizar-se mais, porque as crianças são muito mimadas pelos Pais que, por falta de tempo para estarem com elas, lhes oferecem tudo o que se possa imaginar e os miúdos entram, muito pequenos, no mundo do consumismo».

Pusemos ainda a Maria uma pergunta sobre as relações de poder, a todos os níveis:

«Creio que na minha geração», respondeu Maria, «as relações de Poder melhoraram, sobretudo as relações de trabalho: os patrões perguntam se podemos fazer as coisas, já não as impõem. Quanto ao poder político... não gosto dele, é diferente, mas o essencial não mudou: há demasiadas coisas obscuras e demasiadas promessas não cumpridas; há cada vez mais políticos misturados com a droga que são intocáveis<sup>(28)</sup>. Sobre as relações de poder na Escola, Maria exprimiu-se tal qual João.

Porque nos parecia útil continuar a ouvir Maria, perguntamos-lhe se queria dizer alguma coisa sobre o conceito de *aspiração social* que tanto a tinha entusiasmado, no ano anterior.

«Penso», disse-nos Maria, «que as aspirações dos jovens são cada vez mais elevadas e são cada vez mais difíceis de realizar. De resto, mesmo que as aspirações sociais não fossem tão elevadas seria sempre difícil realizá-las: seguir um curso superior, por exemplo, obriga a enormes sacrifícios. Os jovens não têm capacidade para organizar o esforço e o tempo, dispersam-se por muitos polos de atenção e fecham-se nas próprias dificuldades»<sup>(29)</sup>.

Ao contrário de João, Maria fala-nos como se situasse fora do grupo. A recusa permanente de se reduzir ao concreto e o papel constante de mediadora dão ao seu discurso espaço de reflexão, tornando-o significante.

Quisemos também saber o que Maria tencionava fazer da sua vida; a resposta chegou-nos vaga, a capacidade de comunicação atenuou-se, como se, pela primeira vez, nós falássemos dum assunto que ela não domina: «Gosto do meu trabalho. Quando terminar o curso vou fazer traduções de manhã e trabalhar de tarde. Talvez encontre um lugar de secretária! Mas estou muito agarrada ao emprego que tenho. Neste momento estou também a estudar alemão. Talvez faça uma licen-

ciatura em política internacional ou em psicologia. Também posso ir para *hospedeira da TAP*, gostaria muito de viajar! Mas a verdade é que tenho uma dívida de gratidão para com os meus patrões actuais, confiaram em mim, tenho medo de deixar o trabalho que estou a fazer, ia-me fazer falta: os patrões são sobretudo amigos, é preciso que eu encontre alguma coisa muito interessante, para os deixar!»<sup>(30)</sup>.

Será que Maria vai arrastar-se; será que vai quebrar as suas energias contra moinhos de vento? Será que vai perder-se em si própria e tornar-se cada vez mais isolada? Ou será que ela vai encontrar a cor diferente das coisas que ama; encontrar o sentido dum caminho colectivo, tolerante e diferente? Alguém irá ajudar a apagar as marcas demasiado fundas que os Pais nela deixaram? Será que vai libertar-se do sentimento de gratidão por patrões que tão mal pagam o seu trabalho, e agarrar a vida com as mãos?

Maria disse-nos que gostava da aventura, será que vai ser capaz de a viver e de encontrar novas normas sociais, outro ambiente familiar e outros valores sociais de que sente necessidade e deseja para educar os seus filhos?

Depois de uma presença viva, intensa, generosa, inteligente, Maria parte deixando-nos as mãos vazias do futuro que tentamos definir. Uma floresta de empregos à escolha, uma disponibilidade para tudo fazer, para encontrar a felicidade num trabalho que lhe pertença. Quer ser hospedeira porque gosta de viajar, quer continuar no emprego porque gosta dos patrões, quer ser psicóloga para ajudar aqueles que a sociedade marginaliza e quer estudar política para encontrar novas formas de acção e valorizar a política. Deixa cair o combate da competitividade e quer ter a certeza de fazer bem, o trabalho que fizer.

Ao ouvir Maria nós pensamos num ensaio sobre o emprego no qual o autor evoca novas formas de emprego que devem tornar-se possíveis: «O recrutamento de pessoal a tempo parcial e o seu corolário; o reconhecimento da diversidade; um só posto assegurado por vários trabalhadores; a adopção de

(28) Refere um caso de corrupção moral e material não directamente ligado ao poder.

(29) Maria não conta com a Escola em nenhuma das suas reflexões e, como João, refere sempre a solidão dos jovens.

(30) Será evidente a contradição entre o perfil que Maria foi delineando de si própria e esta incapacidade de ligação à realidade do trabalho ou será que um novo conceito de trabalho emerge desta forma criativa de ligação com o mundo que Maria protagoniza?

formas de trabalho facilitando o livre exercício dos tempos escolhidos; a possibilidade dada ao indivíduo de ocupar vários empregos em tempo parcial». Estas sugestões estão ligadas a uma ideia da valorização da pessoa humana e da flexibilidade, que Maria sente: «Na verdade — diz o autor — o investimento técnico só dá frutos quando é precedido ou acompanhado duma profunda mudança de estruturas e atitudes. São, de facto, os homens que geram a diferença» (Lisoure, 1985).

Maria acredita no benefício da diferença que emerge duma autenticidade vivida, é por isso que ao contrário de João, acredita no Mercado Comum, na União Europeia, na livre circulação de pessoas, coisas e ideias: «Eu acredito muito», afirma ela, no intercâmbio das coisas e dos valores, porque o conhecimento de novas experiências ajuda-nos a compreender os erros que podem ter sido feitos. É

ótimo! Nós temos muito a aprender com outros países da Europa.

Para melhor compreensão desta frase de Maria, poderemos acrescentar que no nosso estudo, são os alunos que dizem ter orgulho de ser portugueses aqueles que mais confiam na integração na Europa, como se as duas variáveis funcionassem em correlação com um sentimento de auto-confiança.

#### OBRAS MENCIONADAS

- MOURA, H. C. (1987a) — «O Dificil acesso à genese das aspirações sociais», *Psicologia*, 5: 189-196  
LISOURE, J. M. (1985) — «La Fin des Habitudes». Paris: Seghers  
MOURA, H. C. (1987b) — «Aspirações Sociais dos Adolescentes», *Análise Social*, 23: 333-350